

Segregação espacial e desigualdades sociais : processos de autonomização dos jovens cariocas*

Clarice E. Peixoto¹

Resumo

As condições de autonomização dos jovens brasileiros se efetuam por meio de diferentes modalidades, segundo seus pertencimentos sociais. Apesar das dificuldades de acesso ao sistema universitário, ele ainda é considerado um dos principais meios para obter melhor inserção no mercado de trabalho. Contudo, muitos são os jovens que procuram outras formações de nível técnico, artístico ou esportivo.

Este artigo analisa um grupo de jovens estudantes das camadas populares do Rio de Janeiro, mostrando que, para a maioria deles, o diploma universitário está associado à ascensão social. Dentre as enormes dificuldades que enfrentam para se manter nas universidades, as principais razões são : a) o déficit escolar em relação aos jovens das camadas médias e superiores, o que leva a uma enorme decalagem na aprendizagem ; b) as universidades públicas ficam longe de seus domicílios e o custo dos transportes é muito alto ; c) as condições de moradia são precárias e eles não têm meios para comprar livros, sendo alguma bibliotecas precárias. Analisaremos as diferentes estratégias destes jovens para continuar os estudos e construir a sua autonomia.

Palavras-chave: trajetórias juvenis, segregação espacial & juventude, processos de autonomização juvenil.

Abstract :

Young Brazilians' transition to autonomy may follow varied paths across social class, and many are the strategies to turn oneself independent from one's family. In spite of difficult access to university, upper education is highly valued as it is supposed to protect from the hazards of labour market. Students are not only interested in postgraduation, but also in shorter course, for instance in vocational, sport, or artistic tracks. For most students from working class families, studying at university is still considered a passport to social achievement.

This paper concentrates on the huge difficulties these students have going on with their university studies. Several factors are considered: a) Their poor secondary school experience, compared with middle and upper class students, brings about huge gaps in training; b) Public universities are located quite far from the places where they live, in the centre of the city, and the cost of transport is very high; c) Their housing conditions are poor, they can't afford buying books and universities' libraries are bad. The paper describes the strategies and the steps these students take in order to go on with their studies and build their autonomy.

Keywords: young people's trajectories, spatial segregation and youth, transition to adulthood

¹ Participaram da elaboração deste trabalho: J.C. Ferreira, M. Leal, A. Lima, I. Martins, M. Mendes, E. Ribeiro, K. Santos, P. Tavares.

Os processos de autonomia dos jovens brasileiros se diferenciam conforme seus pertencimentos sociais, sendo múltiplas as estratégias escolares que eles utilizam para conquistar certa independência financeira familiar. Apesar das dificuldades de acesso ao ensino superior, a maioria dos jovens que conclui o ensino médio pretende obter um diploma de nível universitário, pois ele é considerado o melhor veículo de acesso ao mercado de trabalho (melhores chances em um mercado cada vez mais exigente) e a níveis salariais mais elevados. Contudo, as estatísticas oficiais indicam que mesmo as pessoas que apresentam maior grau de instrução têm, igualmente, maior taxa de desemprego (10,6%)¹. Ainda que sejam minoritários no mundo universitário, os jovens das camadas populares vêm se tornando significativamente mais numerosos do que há 10 anos.

Para o atual sistema educacional brasileiro, os jovens entre 18 e 24 anos já deveriam ser universitários, mas os indicadores sociais do IBGE (2003) apontam para uma grande defasagem escolar: 40,7% deles ainda cursam o nível médio, 30% o fundamental e somente 29% estão matriculados na universidade. Uma das razões dessas altas taxas de defasagem é que os jovens têm, cada vez mais, que conciliar estudo e trabalho. Assim, entre os que trabalham e estudam 22,3% têm de 15-17 anos, 22% de 18-19 anos e 15,2% de 20-24 anos. Esses índices indicam que se há menos indivíduos mais velhos trabalhando e estudando, seria possível pensar que ou eles abandonam os estudos para trabalhar, ou são universitários que recebem bolsas de estudo e/ou maior apoio material dos pais para só estudar.

Se é grande a proporção dos jovens que atribuem maior valor ao diploma universitário, outros preferem optar por diplomas de curta duração, viabilizando assim uma rápida inserção no mercado de trabalho, ainda que menos remunerados. São diplomas técnicos de nível médio (informática, mecânica, etc.) ou cursos de formação nas áreas esportiva ou artística², alguns sem o reconhecimento oficial do diploma.

Para muitos jovens de baixa renda, o curso universitário nem sempre é a opção imediata para a qualificação profissional, eles procuram inicialmente uma formação de nível médio ou técnico, de curta duração e com possibilidades de encontrar trabalho mais rapidamente. Este foi o percurso escolhido por 10 dos entrevistados: informática, mecânica, contabilidade, inglês ou espanhol, desenho e dança étnica são as qualificações realizadas³. Vulneráveis às exigências de um mercado de trabalho instável e tendente à informalidade, e pressionados pelas famílias para se tornarem independentes, estes jovens investem em

modalidades de capacitação que aceleram a emancipação familiar. Para a maioria dos jovens do meio popular, os estudos universitários ou as especializações técnica, esportiva e artística estão associados à conquista de autonomia e independência financeira em relação aos pais mas, principalmente, à possibilidade de ascensão social.

A intenção deste artigo é analisar as trajetórias de jovens estudantes, focalizando nas formas de construção da autonomia e o apoio familiar recebido (ou não) ao longo desse processo. Pois, a transição para a vida adulta é penosa e implica na construção de projetos para o futuro que irão determinar as vidas profissional e familiar. As escolhas dos caminhos a percorrer são, em geral, condicionadas pelo pertencimento social e o nível de instrução de cada indivíduo, fatores fundamentais na determinação do tempo destinado à formação e à entrada no mundo do trabalho. O prolongamento da escolarização leva os jovens a viverem mais tempo na casa dos pais, retardando assim a conquista de uma vida independente. Os trabalhos de Galland (1997), Cicchelli (2000, 2001), Pais (1996), Ramos (2006) têm apontado para os efeitos do prolongamento dos estudos na vida dos jovens: o adiamento da saída da casa dos pais e da constituição de vida familiar.

Mas, para estudar as estratégias de que lançam mão os jovens cariocas para continuar estudando, é preciso considerar o processo de expansão urbana do Rio de Janeiro, que expulsou as camadas populares para os bairros mais distantes. Essa urbanização desordenada do território provocou um processo de “periferização” do desenvolvimento metropolitano, criando grandes segregações espaciais, reflexo de condições sócio-econômicas diferenciadas⁴: a infraestrutura de transportes é mais precária e a educação oferecida de menor qualidade. Assim, 18,9%⁵ da população carioca vivem em comunidades faveladas⁶, situadas nas Zonas Sul, Norte, Oeste e nos subúrbios. Essa estratificação social é de grande visibilidade na paisagem das zonas Sul e Norte⁷, pois embora melhor servidas por transportes apresentam desigualdades brutais nos tipos de moradia e nas condições de saneamento básico, reflexo da ausência de políticas públicas voltadas para as populações de baixa renda.

Aspectos metodológicos

Pesquisa qualitativa realizada em 2004. As análises aqui apresentadas se baseiam em entrevistas elaboradas com 24 jovens estudantes de 17 a 27 anos⁸, que vivem na região metropolitana do Rio de Janeiro e municípios limítrofes. Um mesmo número de rapazes e moças.

A seleção dos jovens não foi aleatória dado que pretendíamos comparar jovens de camadas sociais diferenciadas. A escolha baseou-se, assim, menos no nível de instrução dos pais e muito mais em vários elementos de configuração social que, no Brasil, são importantes indicadores de análise, permitindo melhor compreender o cenário no qual vivem estes jovens.

Crítérios de seleção: pertencimento social e lugar de residência (jovens de camadas populares e de camadas médias, vivendo em bairros pobres e ricos); ser estudante (de diversos níveis, inclusive técnico e artístico) ou não e as razões do abandono; ser dependente economicamente dos pais ou de um membro da família. O objetivo era o de ter um amplo panorama de situações.

O roteiro de entrevista compreendia várias questões sobre as condições materiais (propriedade ou não do imóvel e as condições de moradia : número de cômodos e de pessoas vivendo na casa, profissão dos pais e número de pessoas trabalhando, localização do bairro de residência, meios de transporte e tempo de deslocamento, etc.) e sobre os apoios familiares afetivos e materiais (estímulo, financiamento dos estudos, mesada, ajuda nas tarefas de casa etc.).

A maioria dos jovens entrevistados ainda mora na casa dos pais, ou vive com um deles quando estes são divorciados ou viúvos (20). São portanto solteiros, estudam e muitos trabalham para financiar os estudos, os transportes e o lazer. São 12 rapazes e 12 moças e, à exceção de quatro que abandonaram os estudos, os demais seguem buscando uma formação profissional mais qualificada, via inserção nos quadros universitários.

O que propomos neste artigo é uma comparação entre as diferentes situações sociais dos jovens cariocas e as circunstâncias que contextualizam seus projetos de autonomia. Pretendemos explorar o impacto das condições materiais (bairro de moradia e tipo de habitação, meios de transporte e tempos de deslocamento, etc.) e afetivas (apoio dos pais, ajuda nas tarefas domésticas etc.) nas escolhas e nos projetos de cada um.

A diversidade social das condições de moradia : espaço e tempo de trabalho escolar

A análise do nível de instrução dos pais mostra que existe certa homogeneidade educacional entre os cônjuges: de um lado, pais e mães que nem chegaram a concluir o ensino fundamental ou que não terminaram o ensino médio⁹; de outro, pais que têm diploma universitário¹⁰. As qualificações profissionais dos pais e mães destes jovens mostram que as desigualdades têm ainda um efeito perverso: uns(as) estão inativos(as) – desempregados(as) ou aposentados(as) - recebendo pouco auxílio desemprego ou baixas aposentadorias. Afora

isso, várias são as mães que não trabalham (11), independentemente do nível de instrução: entre as donas de casa, umas têm diploma universitário sem terem nunca exercido a profissão e outras são semi-analfabetas. Há também trabalhadores(as) autônomos(as) - bombeiros, empregadas domésticas, vendedoras à domicílio - que, nos atuais tempos de desemprego e mal qualificados para o mercado de trabalho, entram na competição em desvantagem, sendo mal remunerados. A maioria destes pais e mães exerce atividades de nível técnico: contadores, técnicos em eletricidade ou em segurança do trabalho, protética, secretária, professoras primárias, gerentes. Dentre os que têm diploma universitário, destacam-se advogados(as), médicos(as) ou enfermeiros(as) e engenheiros(as). Muitos trabalham no setor público.

No universo familiar, os pais enunciam valores, criam regras e dispositivos para exercer o papel educativo e, com isso, estimulam os filhos a terem mais responsabilidades e amadurecimento nas escolhas e decisões (Cicchelli, 2001). Os pais diplomados procuram matricular seus filhos nas melhores escolas (privadas), em cursos de línguas e informática, acompanhando de perto a trajetória escolar e universitária dos filhos. Os pais de origem modesta têm menos instrução e mais dificuldade para acompanhar os estudos dos filhos que, em desvantagem, percebem apenas a importância do diploma universitário para a conquista de melhor lugar no mercado de trabalho.

As origens sociais destes jovens são muito distintas. Consideramos que as condições materiais da moradia e o espaço privado – o bairro onde moram, o número de cômodos etc. – permitem melhor compreender o cenário no qual vivem estes jovens.

Como dito acima, a maioria das famílias mora em bairros das Zonas Norte e Oeste, somente três vivem na Zona Sul. Várias (12) se dizem proprietárias do imóvel onde vivem. Cinco não são exatamente proprietárias, pois moram em comunidades faveladas: são posseiras; três moram em casas ou apartamentos cedidos por parentes e consideram como propriedade familiar. As demais famílias são locatárias. A propriedade do imóvel não implica em condições de moradia mais adequadas. Grande parte destes jovens divide o quarto com irmãos, sobrinhos e até com a mãe; carecem, assim, de espaço e tranquilidade para estudar. O caso de Mônica, que divide o quarto com a irmã divorciada e o sobrinho pequeno, é exemplar pois só estuda em casa quando a criança dorme: *ele me atrapalha muito. Eu estudo na rua, na faculdade, na biblioteca da cidade* (22 anos, estuda enfermagem, mora com os pais, o irmão, a irmã e o sobrinho em um apartamento de 2 quartos/sala). Em geral, os jovens das camadas

mais favorecidas têm um quarto só para si ou, quando muito, dividem com um irmão. Mas, para Rogério que vive com os pais, a irmã e o primo em casa de 3 quartos e 2 salas, tendo um quarto só para ele, isso nem sempre garante a tranqüilidade necessária, pois *minha casa é uma verdadeira loucura porque é uma família muito grande. O tempo inteiro tem gente chamando, entrando, é um entra-e-sai terrível! Prefiro estudar na mesa da cozinha, de meia noite em diante, rende melhor e é um silêncio absoluto.* (23 anos, estuda Letras)

Maria divide o quarto com a mãe e relata as dificuldades que enfrenta para estudar em casa (22 anos, pais divorciados, estuda história). Ela não é a única, Daniela divide o quarto com a irmã mais nova, trabalha o dia inteiro e cursa a universidade à noite (20 anos, faculdade privada de jornalismo). Como não pára em casa, estuda no próprio trabalho: *em casa, só mesmo na semana de provas quando me tranco no quarto e peço para ninguém abrir a porta.*

Se uns preferem estudar fora de casa (em bibliotecas, no trabalho) ou em espaços coletivos da casa (sala, copa), outros consideram o seu quarto o lugar mais adequado e tranqüilo. Sabemos que a vida familiar é regida por regras parentais sobre o uso dos espaços comuns (e algumas vezes dos privados) e os ritmos da coabitação (horários). Se os espaços comuns são administrados segundo uma ordem doméstica, em geral determinada pela mãe, o quarto é o espaço privado de cada um e onde é permitida uma certa desordem (Ramos, 2006).

Sobre ordem-desordem, não é de estranhar que as tarefas domésticas são desempenhadas sobretudo pelas mulheres e divididas entre mãe e filhas, quando não há empregada doméstica. Se por um lado, as mães tomam a si a responsabilidade pela ordem doméstica, por outro, as filhas não a consideram como uma obrigação sua; o fazem para não sobrecarregar a mãe: uma solidariedade de gênero já que “a capacitação para uma determinada tarefa não é produzida originalmente pela natureza dos sexos, mas pela cultura que simboliza as atividades como masculinas ou femininas”, como afirma Heilborn (1995: 2). Nesse sentido, Mônica afirma que :

as tarefas domésticas não se dividem em coisas de menina e coisas de menino. Isso já caiu há muito tempo. São valores impostos pela sociedade. Só que a sociedade evoluiu e meus pais não e meu irmão, como foi educado com as coisas de menino, ele suja e não limpa! Só quando ele está de bom humor. Roupa nem pensar! Acho muito estranho, não gosto disso. Acho uma criação muito errada: separar as coisas de menina e coisas de menino.

Outras jovens como Patrícia (20 anos), cuja família atravessa momentos de grande dificuldade econômica¹¹, não têm a mesma visão de Mônica sobre a distribuição das tarefas entre os membros da família. É ela quem faz todos os trabalhos domésticos antes de ir para a universidade e não considera isso uma obrigação: ajuda a mãe que trabalha o dia inteiro e justifica o pai desempregado: *Não sou responsável, faço porque tenho tempo e quando alguém tem também ajuda. Meu pai, às vezes, ajuda a lavar a roupa.*

Fougeyrollas-Schwebel assinala que “contrariamente às perspectivas otimistas que prevaleciam nos anos 1960, quando se pensava que o desenvolvimento da atividade profissional feminina acarretaria novas divisões das tarefas, é forçoso constatar que houve pouca evolução na partilha das tarefas entre homens e mulheres. ‘O pai sempre vê sua atividade profissional como dominante de suas preocupações, e a presença de filhos tem pouca incidência na organização de sua vida cotidiana’” (1994: 341). É bem verdade que na sociedade brasileira, os homens parecem não considerar que as tarefas domésticas também são de sua responsabilidade; para eles, o mundo masculino continua sendo a rua, o feminino a casa (DaMatta, 1987). No entanto, as mulheres estão igualmente inseridas no mundo do trabalho e, assim, também circulam na rua. É o que pensa Rogério quando diz: *“o meu problema é que eu e o meu pai, a gente não pára em casa, a gente sai de manhã cedo e só volta tarde da noite. Então acaba que as duas ficam em casa, também não tem muita coisa pra fazer, lavar roupa é botar na máquina, não tem problema”*. Ele insiste em apontar a falta de habilidade masculina para o exercício do trabalho doméstico, cabendo aos homens os serviços mais “pesados”, ou quando muito, organizam seu espaço pessoal (quarto). Diz ele:

Minha casa é pequena. Não tem muito trabalho, a não ser quando é a grande faxina de fim de mês: arrasta móvel, limpa azulejo, sobe escada e troca lâmpada. Esse serviço sempre sobra pra mim, porque sou muito alto. Se tiver alguma coisa que levar para consertar é o meu cargo ou do meu pai. Mas, o dia a dia mesmo da casa é basicamente a minha irmã e minha mãe. (23 anos, curso de Letras)

Os filhos homens são responsáveis pela limpeza do quintal quando moram em casas e, principalmente do seu quarto. Pois o quarto deve permitir, como diz Singly “a realização de três objetivos: autorizar o filho a ser ele mesmo através de uma autonomia progressiva, oferecer-lhe um quadro de vida encorajando-o ao gosto pelo trabalho e abrir a possibilidade de criar relações com os pais, irmãos e irmãs e com seus amigos” (1998: 99; 2007). Assim Leandro, que trabalha e estuda, diz que a mãe é quem faz todas as tarefas domésticas, mas que

ajudo na limpeza do meu quarto, gosto de arrumar do jeito que quero. Não desfazendo da limpeza da minha mãe, limpo mais 'direitinho' porque ela nem é obrigada a limpar corretamente, pelo menos o meu quarto. (19 anos, ensino médio, projeto universitário interrompido). Ele não é o único a justificar a liberação do trabalho doméstico pela falta de tempo: para outros, a jornada diária (trabalho e estudos) e o tempo dos deslocamento inviabilizam uma ajuda maior em casa. Essa não é uma preocupação para muitos jovens que pertencem às camadas médias posto que várias famílias têm doméstica ou diarista, como a de Rodrigo que não mexe uma palha em casa porque *sou filhinho de papai. Sabe aquela relação mágica com as coisas, a roupa limpa, daqui a pouco está suja e depois é guardada na sua gaveta? Na minha casa acontece assim. A gente tem uma empregada que cuida de tudo, que é explorada. Ela faz tudo, não tenho que fazer absolutamente nada.* (23 anos, estuda psicologia).

Independente de ter ou não quem faça as tarefas por eles, é importante assinalar que a ordem doméstica e suas regras são fruto de intensas negociações entre pais e filhos para ajustar os interesses de cada um. Assim, deixar os objetos pessoais nos espaços comuns contraria a ordem materna e, conseqüentemente, gera conflitos e negociações (Ramos, 2006).

Autônomos e dependentes: o apoio parental

Os trabalhos que abordam os ritos contemporâneos da passagem à idade adulta¹² assinalam que o prolongamento dos estudos e o tempo para a inserção profissional contribuem para a permanência mais longa dos filhos na casa dos pais. São, assim, razões financeiras e os motivos que freqüentemente promovem a decoabitação¹³ mais cedo, são: estudar ou trabalhar longe de casa e sair para viver conjugalmente.

Poucos são os que ainda vivem na casa paterna e que não estudam. Esta é, talvez, a razão da permanência – seus projetos profissionais são valorizados pelos pais. Isto não significa que eles não evoquem o desejo de independência com a saída definitiva da casa paterna¹⁴. Enquanto esperam, recebem múltiplos apoios materiais dos pais: moradia e alimentação, transporte, despesas escolares e pequenos lazeres. Quanto aos apoios afetivos, eles se distribuem entre o incentivo aos estudos, a elaboração das tarefas domésticas que seriam de seu encargo, as conversas e aconselhamento. Nas famílias cujos pais são casados, fica claro que é o pai quem financia as despesas dos filhos, enquanto o apoio afetivo é dado pela mãe. Se Eduardo diz, sem constrangimento, que o pai *é o banco* da família e, assim, o

responsável pelas contas domésticas, compra de livros e o transporte que usa para se locomover, Rodrigo parece bastante desconfortável em ser dependente dos pais:

Sempre me incomodou. É horrível o momento em que ele me dá a grana. Ele não tem obrigação nenhuma, tenho 23 anos! Eu me cobro muito disso, apesar de achar que sou muito novo. Mas, aquele momento da grana acho constrangedor demais, prefiro quando não estou e ele deixa em casa.

Os jovens consideram essas ajudas fundamentais para permanecerem estudando, vários insistem que o papel dos pais é investir nos seus projetos para que conquistem autonomia e independência financeira. A contrapartida desse investimento é a cobrança do tempo dedicado aos estudos e seus resultados, o que pode gerar conflitos entre eles, pois os jovens se consideram autônomos e contestam o controle dos pais. Leandro fala da pressão parental, ainda que tente justificá-la: *O fato deles me pressionarem muito, não considero errado, porque se eles não fossem assim eu também não seria quem sou hoje, tenho orgulho deles.* Como aponta Cicchelli “muito insistente, o apoio pode ser visto como uma ingerência; muito frouxo, pode ser percebido como uma manifestação de indiferença. A práxis e a hermenêutica parentais devem oscilar entre estes dois pólos: interpretar para intervir, intervir para apoiar, eis o apelo, a espécie de *double bind*, que os jovens dirigem a seus pais para que sua associação se torne vantajosa para o bom desempenho nos estudos” (2000: 118).

É importante ressaltar que os apoios visam a realização do projeto individual dos filhos. Nesse sentido, pais e filhos valorizam esse período de estudos universitários ou técnicos como fundamental para melhor qualificação profissional. Kellerhals et al assinalam que “os referenciais familiares, outrora articulados em torno de afiliações e de pertenças (a família participava na construção de uma identidade social, dada a sua faculdade de vincular os indivíduos aos grupos que constituem o seu meio social), passam a estar, ao longo do tempo, mais centrados nas capacidades individuais de desenvolvimento de recursos pessoais destinados à inserção no espaço social de acordo com projetos pessoais” (2002: 565). Nem todos os jovens foram influenciados pelos pais na escolha profissional, como Viviane e Eduardo: ela fez psicologia e agora cursa Letras - *a identificação com a minha mãe deve ter me levado a fazer psicologia*; ele relutou, mas acabou estudando engenharia como o pai: *a decisão pela engenharia é recente... eu tinha várias dúvidas. [projeto] é me formar em engenharia e trabalhar com meu pai. Ele acha isso ótimo, porque sempre foi o que quis.*

Há pais e filhos que consideram que o diploma universitário deixou de ser *um fim* para se tornar *um meio* no processo de profissionalização pois, em algumas carreiras, ele não é mais garantia de inserção imediata no mercado de trabalho, há que prosseguir os estudos para a obtenção de títulos mais elevados e de especializações mais pontuais. Os jovens adiam assim o projeto de independência, prolongando a permanência na casa paterna. Lourenço e Eugênia cursam a pós-graduação, recebem bolsas de estudo e ainda necessitam do apoio material familiar. Optaram por estudar em outra cidade e, assim, poder administrar suas vidas com mais autonomia. Já Viviane aceita melhor a ingerência da mãe no seu projeto profissional:

Depois do mestrado, quando estiver trabalhando e ganhando uma grana legal, pretendo sair de casa. Minha mãe fala que não faz sentido eu abandonar meus sonhos para sair de casa. Ela quer que eu siga a carreira acadêmica, para isso preciso me dedicar.

O caso de Patrícia (20 anos, universitária) parece muito particular, pois recebe bolsa de estudos exígua e ainda assim custeia todas as suas despesas escolares, de transporte e lazer. Mesmo que tenha *perdido as expectativas de tudo, porque a gente vê que a faculdade também não garante nada*, ela é pressionada pelos pais para trabalhar e sair de casa:

Eles acham que tenho que terminar esse curso e também arrumar um emprego porque a situação está difícil em casa e eles não podem bancar a faculdade para mim. Eles me apóiam para não desistir porque não tiveram esta oportunidade, mas meu pai me pressiona para sair de casa, seguir minha vida, sair logo de lá.

Os apoios afetivos se traduzem em estímulos para estudar, na preparação de lanches e em conversas sobre a vida profissional, pessoal e mesmo amorosa. Esse seria o papel das mães, mas que vários jovens dispensam dizendo que não têm tempo para conversar, principalmente, sobre a vida amorosa. As questões profissionais são mais facilmente abordadas pelos pais, que parecem cobrar mais empenho dos filhos nos estudos ou desconsiderá-los como o pai de Patrícia: *converso mais com minha mãe, porque meu pai acha que sou meio burra*. Em sua pesquisa, Cicchelli também identificou o limite entre as questões compartilhadas com os pais e aquelas de foro íntimo: “a ingerência só se refere ao campo autorizado: os estudos. Eles protegem ciosamente os outros territórios para que os pais não façam do acompanhamento escolar um meio para invadir o resto de suas vidas” (2000: 122). Se conseguem construir

barreiras para impedir o acesso à vida íntima, elas são ineficazes no campo dos estudos. Muitos são os pais que cobram o retorno do investimento, nem que seja para ver o material adquirido e os livros comprados, como o pai de Rogério que solicita os comprovantes das compras: *quem compra sou eu, com o dinheiro deles (...) Claro que no final eles querem ver o que comprei: nota fiscal com dia, hora, controlam direitinho.*

Os jovens cujos pais são separados ou viúvos (7), em geral moram com as mães, que são responsáveis pelos apoios material e afetivo. É possível, então, compreender a ingerência da mãe de Viviane nas decisões sobre sua formação: *minha mãe banca tudo. Agora que não estou ganhando nada, ela me banca em tudo.*

A (im)possibilidade de conciliar trabalho e estudo

Os processos de construção dos projetos estão relacionados às condições sociais mas, também, às suas práticas cotidianas (contextos familiares, grupos de amigos etc.) que tendem a influenciar as suas decisões (Pais, 1996). Se Eugênia e Viviane¹⁵, cujos pais têm diplomas universitários, afirmam nunca terem pensado em não cursar a universidade, pois *desde pequena, já era certo eu fazer a universidade, como minha mãe* (Viviane), Adalberto¹⁶ e Rogério¹⁷, filhos de pais que não concluíram o curso fundamental, criaram expectativas de ascensão familiar com o ingresso na universidade: *eles ficaram bem felizes quando consegui passar para a faculdade e muito orgulhosos, porque eles são de família humilde e não tiveram oportunidade na roça. E agora vêem um filho na faculdade...* (Adalberto, o pai é bombeiro hidráulico); *como eles têm uma escolaridade muito baixa, na minha família são poucos os que têm ensino superior, então eles acharam aquilo maravilhoso!* (Rogério, o pai é operário da construção civil).

Os jovens recebem ajuda dos pais para construir seus itinerários profissionais, através do interesse pelo que estudam e escolhas que fizeram e dos inúmeros apoios de ordem afetiva e material. O apoio parental é um investimento mútuo de pais e filhos na formação profissional destes. Contudo, nem todos podem contar com o apoio material sistemático dos pais, principalmente, se pertencem às camadas populares; eles apóiam até os filhos completarem o ensino médio quando já podem começar a trabalhar, exercendo atividades nos setores industriais ou de serviços. Adalberto fez capacitação técnica e abandonou a faculdade de administração para trabalhar:

Meus pais são humildes, trabalharam em roça muitos anos e vieram para o Rio trabalhar na cidade grande, em busca de melhores recursos. A gente mora em uma comunidade e vi a necessidade de trabalhar devido às dificuldades que eles passavam. Eles sempre me deram roupas, ajudavam no estudo, mas chegou uma hora que tive que procurar um trabalho para poder me manter e ajudar eles no possível. (26 anos, operário de indústria petroquímica)

O percurso de Alessandra (23 anos) é semelhante, pois decidiu abandonar o estudo formal e buscar outras capacitações para trabalhar na indústria, a espera de um melhor momento para sair da casa da mãe¹⁸:

Comecei a cursar inglês, mas surgiram alguns problemas financeiros e não deu para continuar, está trancado. O de informática tranquei também, mas o trabalho exige uma noção de inglês e de informática. No mercado de trabalho, quanto mais curso você tiver, quanto mais se aprimorar melhor.(...) Eu tinha a expectativa de que o mercado seria mais amplo e quando saí do segundo grau vi que não é bem isso. A escola não disponibiliza estágio, a gente sempre tem que correr atrás, por causa desse processo vi que as coisas não eram fáceis.

Antônio (20 anos) pretendia cursar engenharia química: fez o vestibular três vezes e não passou. Não desistiu e enquanto se prepara faz *cursos de informática, de agente de segurança e, aprendi inglês por conta própria. São atividades necessárias para arrumar um bom emprego, dão um certo diferencial.*

Já Felipe (18 anos), saiu da casa dos pais¹⁹ antes de terminar o ensino médio porque decidiu entrar para a Companhia Étnica de Dança – [queria] *dançar muito, subir em palcos profissionais, rodar o país e o mundo dançando, fazendo o que gosto* – e os pais não concordaram: *meu pai queria que eu seguisse a carreira militar e a minha mãe também. Para eles, o que dá dinheiro é o militar, dança não dá dinheiro, dança não dá futuro.* Foi acolhido temporariamente pela mãe de um amigo e, em contrapartida, ajuda nas tarefas domésticas. Não volta mais para casa da mãe: *foi uma briga muito ruim. A minha mãe é muito preconceituosa, não aceita a Companhia, não aceita meus amigos. Para ela, eles são “viados” e a Companhia Étnica sendo do morro do Andaraí, sinal de que vou fumar maconha, vou cheirar.... É muito preconceituosa, a gente brigava muito.*

Dentre os jovens entrevistados, somente quatro não moram com os pais: um é casado e três moram com amigos ou irmãos. Paulo (27 anos) saiu de casa para viver conjugalmente, abandonando os estudos. Nessa época, estava “desiludido” com o sistema de ensino: *não achei que isso fosse garantir melhor colocação e, além disso, é só para quem tem dinheiro*. Desempregado e sem ajuda dos pais (recebe eventualmente da avó), reestrutura sua visão de mundo, incorporando os estudos universitários em seu projeto futuro: *hoje, valorizo mais a formação ‘formal’, canudo e tudo. Nem acho tão importante, mas o mercado de trabalho valoriza. [quero] adquirir casa própria, um emprego estável e rentável e que eu goste e, concluir a faculdade....*

Os motivos do abandono escolar são, em geral, financeiros: alguns por escolha, desiludidos com a possibilidade de melhor inserção no mercado de trabalho via diploma universitário; outros por necessidade, face às precárias condições econômicas familiares que pressionam para o ingresso precoce na vida produtiva. Para estes, pertencentes às camadas populares, não se trata de abandono, mas de uma interrupção até que possam retomar o projeto individual profissional. Mesmo aqueles que abandonaram os estudos para trabalhar, o fizeram contra a vontade dos pais.

Se uns abandonam os estudos por necessidade, outros procuram conciliar trabalho e estudo sem interromper o projeto de obter um diploma universitário e, assim, ascender socialmente via melhor qualificação profissional. Para estes, é grande o desgaste para desempenhar as duas tarefas tanto pela (in)disponibilidade de tempo para estudar quanto pelo custo financeiro dos estudos (despesas escolares e de transporte). Entre os que já têm alguma atividade remunerada, 14 afirmam ter começado a trabalhar antes dos 18 anos, 7 depois dos 20 e já como estudantes universitários recebendo bolsas (pesquisa ou estágio). Estes afirmam que o valor das bolsas é baixo, portanto os pais continuam apoiando: *é para pequenas coisas e me dá uma grande ajuda, mas eles é que me mantêm na universidade. Esse dinheiro é um extra que gasto com o que bem entendo* (Rogério, 23 anos). O que importa para eles é o sentimento de autonomia, certa independência financeira ainda que relativa e efêmera: *um ano sem ter que justificar para que vou gastar aquele dinheiro* (Mônica, 22 anos).

Já os que têm um trabalho remunerado dizem que começaram a trabalhar para contribuir em casa, aumentando a renda familiar, e pela vontade de ter independência financeira e poder decidir sobre como usar o dinheiro recebido. Leandro (19 anos, pré-vestibular comunitário) conta que ficava atraído pelas propagandas televisivas de roupas e sapatos, querendo comprar os artigos que a moda ditava²⁰. Começou a trabalhar aos 16 anos

porque queria ter o que *todo mundo tem e eu não tenho*. Aos poucos percebeu o valor do trabalho e do dinheiro. Antes de começar a trabalhar planejava *encher minha geladeira de maçã, de danoninho, vou encher de besteira*; com os primeiros salários refez os planos, priorizando outros consumos: *não comprei maçã até agora, comprei minhas coisas: cama, som, vou comprando aos poucos, troquei de celular, roupas para mim. É legal, você dá valor ao seu dinheiro*.

Da mesma maneira que os pais influenciam pouco na escolha da profissão dos filhos, eles interferem menos ainda no destino que estes dão às remunerações que recebem (bolsas ou salário). Poucos são os pais que exigem uma contribuição dos filhos nas despesas familiares. Hoje, a passagem de uma etapa da vida à outra é mais rápida e direta já que o prolongamento dos estudos e a entrada tardia na vida do trabalho prorrogam o tempo de coabitação com os pais. Isso não impede, contudo, que os jovens sejam autônomos. Assim, a liberdade para construir projeto profissional e decidir como gastar o dinheiro recebido pelo trabalho realizado é percebida pelos jovens como os primeiros passos para a autonomização.

Entre a casa, a escola e o trabalho

Para a maioria dos jovens que trabalha e estuda os deslocamentos entre casa-trabalho-escola/universidade são cansativos posto que os meios de transporte são precários. Felipe usa três ônibus e um trem para se deslocar (só ida) de casa à escola de dança onde trabalha e estuda: são quase duas horas de trajeto. Quando viaja sentado, aproveita para ler, mas quando o transporte está lotado, *não dá muito para estudar*. Rogério é outro que mora distante da universidade e, como Felipe, usa trem e ônibus para ir de Guaratiba ao Maracanã: despense duas horas de trajeto, em transporte lotado e desconfortável. João também mora distante (Pedra da Guaratiba), trabalha no Centro da cidade e estuda na Zona Norte (Maracanã): sai de casa às 5h para chegar no trabalho às 8h e estuda à noite, retorna por volta de 22:30h: é tempo para jantar, dormir e recomeçar novamente! Já Maria, usa ônibus e barca para ir de casa (Benfica) à universidade (Niterói), são duas horas de trajeto e *sai meio caro* porque paga o transporte com a bolsa de estudos. Os exemplos são inúmeros e o caso de Ruth é o mais impressionante: morava em Belford Roxo²¹ com os pais e despendia tempo (4h por dia) e dinheiro (R\$ 190,00)²² para se deslocar até a universidade. Junto com outros colegas que viviam a mesma experiência, alugou um apartamento perto da universidade: o custo da moradia é menor que o do transporte!

**Deslocamento dos estudantes da casa para o trabalho
e a universidade ou escola**

Nome do estudante	Bairro de moradia	Bairro do trabalho	Universidade ou escola	Distância (só ida)	Meio de transporte	Tempo
Felipe	Ricardo de Albuquerque	Anchieta	Andaraí	31 km	trem, 1 ônibus	2h
Rogério	Guaratiba	-	Maracanã	50 km	1 ônibus, trem, 1 ônibus	2h
João	Pedra da Guaratiba	Centro	Maracanã	59 km	1 ônibus, trem, 1 ônibus	2h 20min
Ruth	Belford Roxo	-	Maracanã	39 km	2 ônibus	2h 40min
Viviane	Méier	Ilha Fundão	Urca	51 km	2 ônibus	1h 20min
Maria	Benfica	-	Niterói	18 km	1 ônibus, barco	2h
Patrícia	Taquara	-	Maracanã	24 km	1 ônibus	1h 30m
Lourenço	Niterói	-	Ilha Fundão	23 km	1 ônibus	1h 20min
Eugênia	Barra da Tijuca	-	Ilha Fundão	31 km	Carro próprio	30 min
Pedro	Barra da Tijuca	Centro	Centro	26 km	Carro próprio	40 min

As despesas de transporte e custos escolares são financiadas, parcialmente, pelos próprios estudantes através do trabalho (8) ou das bolsas de estudo (10); algumas são bolsas de pesquisa, outras são para alunos cotistas. Muitos desses estudantes acreditam ter conquistado sua autonomia porque administram o que recebem mensalmente. Como disse Daniela, *a partir do momento em que você não tem mais que pedir dinheiro a eles, você pula a barreira de poder sair ou não. Passa a ser 'eu vou!', pois passo a ter o direito de fazer.*

O quadro acima mostra as distâncias percorridas por alguns jovens entrevistados; uns vivem em áreas nobres, outros em comunidades faveladas. Certos percursos são mais longos que outros e os tempos de deslocamento variam menos em relação à distância e mais na quantidade e no tipo de transporte utilizado. Os deslocamentos em trem, dada a precariedade da rede férrea, são mais demorados e as linhas de ônibus que servem a zona Oeste são menos frequentes. Assim, certas distâncias com quilometragem aproximada podem ser feitas em tempos muito diferentes, dependendo do meio de transporte. Nesse aspecto, os jovens de camadas populares e médias têm a mesma dificuldade de locomoção, salvo os que possuem carro particular. O mesmo se aplica para os jovens que moram perto da escola/universidade, o que os diferencia é o lugar e as condições da moradia: no asfalto ou no morro.

Considerações finais: aspirações e dificuldades

Tempo disponível (para os que trabalham) e despesas escolares não são as únicas barreiras para cursar a universidade, apontaram os jovens das camadas populares. A principal delas é o déficit escolar em relação aos demais, o que cria uma desvantagem na aprendizagem e, conseqüentemente, no concurso para ingresso à universidade. E se, ainda assim, se tornam universitários outros problemas aparecem. Com escolaridade precária, muito aquém daquela dos jovens das camadas médias que freqüentaram as escolas privadas (de melhor qualidade de ensino) e vivendo em bairros distantes (e em moradias precárias), estes jovens de camadas populares têm mais dificuldade para acompanhar as disciplinas, finalizar o curso e obter o diploma universitário.

Outro fator é que as universidades públicas estão distantes da moradia, os trajetos são longos e o custo do transporte muito alto. Além disso, eles não têm meios para adquirir livros e as bibliotecas nem sempre dispõem de vários exemplares de uma obra. Lê quem chega primeiro. Maria relata as dificuldades que enfrenta para estudar, não só porque em casa divide o quarto com a mãe e não tem livros, mas porque na biblioteca universitária nem sempre consegue um exemplar:

Falta grana pra livro. Está muito caro e a gente xeroca aquilo que deveria ter na estante: o livro inteiro. A gente acaba fragmentando tudo, às vezes rola dificuldade até para o xerox, tem a biblioteca mas aí nem livro nem xerox! A grana da bolsa é patética! Uma ajuda de custo que só dá para a metade do mês, se for contar na ponta do lápis todo o gasto, a bolsa é uma piada! (22 anos, universitária)

Já Daniela (20 anos), trabalha o dia inteiro e cursa a universidade à noite. Como não pára em casa, procura estudar no próprio trabalho: *em casa, só mesmo na semana de provas quando me tranco no quarto e peço para ninguém abrir a porta*. O esforço vale à pena, pois sempre sonhou entrar para a universidade. Não se classificou na universidade pública, foi para a privada e *foi como ganhar o Oscar, uma grande medalha. O meu esforço, a minha luta, tudo meu!* Ela trabalha para pagar a universidade já que a mãe viúva é vendedora de material elétrico.

Para as camadas superiores, o diploma universitário faz parte da trajetória dos filhos, enquanto para os pais das camadas populares ele significa uma ruptura das trajetórias familiares das gerações precedentes (Ferrand, 2001). Como a vontade de ser universitário é

cada vez maior entre os jovens de baixa renda, o ensino superior brasileiro tem sido ampliado de forma abrupta, sobretudo depois da implantação da política de cotas para estudantes negros e os egressos de escolas públicas (Schwartzman 1994, 2004). Logicamente esta motivação encontra respaldo nas exigências do mercado de trabalho que valoriza cada vez mais os diplomas universitários. Roberta (25 anos), cujos pais têm diploma de nível superior, abandonou a universidade para trabalhar porque não valorizava o diploma. Rápido entendeu que *se tivesse curso superior, por mais que não tenha nada a ver com o que trabalho, ganharia mais. E poderia ganhar outros cargos como de gerência, poderia subir.*

A procura de aprimoramento leva os jovens a prosseguir os estudos, cursando pós-graduação ou especialização *lacto senso*. Se até recentemente, o perfil da pós-graduação brasileira era delineado por estudantes das camadas médias, hoje, esta tendência diminui com os programas de inclusão social e ampliação de bolsas de estudo, permitindo o acesso dos jovens de camadas populares²³. Mônica, cujos pais não terminaram o curso fundamental, estuda enfermagem e projeta o futuro: *não tem como parar de estudar, porque na minha área preciso estar sempre atualizada: lido com pessoas. Assim, quando você tem um conhecimento ultrapassado, pode ser fatal. Quero fazer mestrado e doutorado.* Já o projeto de Alessandra²⁴ era trabalhar na indústria, por isso cursou técnica de eletromecânica: é operadora de processo petroquímico e não pretende sair da empresa onde trabalha, embora preferisse cursar gastronomia. Nos discursos dos jovens menos favorecidos, os sonhos e idealizações do futuro se deparam com múltiplas dificuldades, e por isso constroem seus projetos profissionais por etapas, sendo o curso de nível médio (técnico ou artístico) uma etapa importante a conquistar. Os jovens de camadas médias têm seus itinerários traçados pelos pais até a universidade, resta-lhes o direito à escolha do campo profissional. Raros são os que abandonam a universidade antes de concluí-la, como acontece frequentemente com jovens de baixa renda.

Independente da classe social, o que une esses jovens é a construção de um projeto para o futuro mas, também, a incerteza em relação à inserção no mercado de trabalho. O que os distancia é a possibilidade (dos mais favorecidos) de permanecer mais tempo no sistema escolar apoiados pelos pais e, com isso, adquirir níveis mais altos de qualificação profissional.

Bibliografia de referência

BOZON, Michel.

1997 “Des rites de passage aux ‘premières fois’. Socio-ethnologie des rites de la jeunesse en France”, in DESDOUITS, A-M. & TURGEON, L. (orgs.), *Ethnologies francophones de l’Amérique et d’ailleurs*, Québec : Les Presses de L’Université du Laval.

CICCHELLI, Vincenzo.

2000 “Individualismo e formas de apoio: entre lógica incondicional e personalização da parceria intergeracional”, in PEIXOTO, C., SINGLY, F. de & CICCHELLI, V. (orgs.), *Família e Individualização*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, pp.113-132.

2001 “Repensar os laços entre pais e jovens adultos fora da aporia conflito/entendimento”. *Interseções: revista de estudos interdisciplinares*, Rio de Janeiro, vol. 2 (3): 247-265.

DAMATTA, Roberto.

1987 *A casa e a rua*, Rio de Janeiro: ed. Guanabara.

FERRAND, Michèle.

2001 “Famílias e educação dos filhos na França”, *Interseções: revista de estudos interdisciplinares*, Rio de Janeiro, vol. 2 (3): 181-197.

GALLAND, Olivier.

1997 *Sociologie de la jeunesse*. Paris: Armand Collin.

GODARD, F. & BLÖSS, Thierry

1988 “La décohabitation des jeunes”, in BONVALET, C. (org.), *Transformation de la famille et habitat*, Paris: PUF/INED.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique

1994 “Formas de família e socialização – novos desafios”, *Revista Estudos Feministas*, vol. 2: 336-346.

HEILBORN, Maria Luiza.

1995 “Gênero: uma breve introdução”, in *Gênero, desenvolvimento institucional e ONGs*. Rio de Janeiro: Instituto de la Mujer/IBAM, pp.9-14.

KELLERHALS, Jean, FERREIRA, Cristina e PERRENOUD, David

2002 “Linguagens do parentesco: lógicas de construção identitária”, *Análise Social*, Lisboa, XXXVII (163): 545-567.

OLIVEIRA, F.B. de.

1995 *Pós-Graduação: Educação e Mercado de Trabalho*. Campinas: Papirus.

PAIS, José Machado

1996 *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda.

PEIXOTO, Clarice E.

2004 “Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar”, in PEIXOTO, C. (org.), *Família e Envelhecimento*, Rio de Janeiro: ed. FGV, pp. 57-84.

2000 “Avós e netos na França e no Brasil: a individualização das transmissões afetivas e materiais”, in PEIXOTO, C., SINGLY, F. de & CICHELLI, V. (orgs.), *Família e Individualização*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, pp.95-112.

PINTO, H.F.

2000 *Educação, Qualificação e Trabalho: As Formas de Inserção da Pós-Graduação Lato Sensu nas Trajetórias Escolar e Profissional*. Dissertação de mestrado, (mimeo).
Universidade Federal do Espírito Santo.

RAMOS, Elsa.

2006 “As negociações no espaço doméstico: construir a ‘boa distância’ entre pais e jovens adultos ‘coabitantes’”, in LINS DE BARROS, M. (org), *Família e Gerações*. Rio de Janeiro: ed. FGV, pp. 39-65.

SCHWARTZMAN, Simon

1994 “Ensino superior no Brasil: Tradição e Modernidade”. *Revista da USP*, vol. 8: 33-38.

2004 “Equality, Quality and Relevance in Higher Education in Brazil”. *Annals of the Brazilian Academy of Sciences*, 76 (1): 173-188.

SINGLY, François de.

1998 *Habitat et relations familiales*, Paris : Plan Urbanisme, Construction et architecture.

2007 *Sociologia da família contemporânea*, Rio de Janeiro: ed FGV.

Notas

* Pesquisa realizada com oito estudantes de Ciências Sociais da UERJ, sob minha coordenação. Agradecemos a colaboração de Silvia Aguião e Celso Fraga.

¹ A taxa de desemprego de analfabetos e pessoas com 3 anos de estudos é de 5,6% e a dos que têm de 4 a 7 anos é de 9,6%. Indicadores Sociais 2003, IBGE.

² Há, nas comunidades faveladas do Rio, um crescimento acelerado de ONGs voltadas para a formação de jovens carentes nas áreas esportivas (Fundação Gol de Letras), de dança e teatro

(Companhia Étnica de Dança e Teatro), de fotografia e cinema (Nós do Morro, Olhares do Morro e Nós do Cinema). Estes são apenas alguns exemplos.

³ Alguns jovens ingressaram, posteriormente, na universidade.

⁴ Fenômeno semelhante nas demais cidades brasileiras: 80% da população brasileira vivem, hoje, em área urbana.

⁵ O município do Rio tem 5 851 914 habitantes e 1 106 011 vivem em áreas faveladas (IBGE, 2000).

⁶ Termo empregado pelos moradores de favelas para se referirem ao lugar de moradia por ser menos estigmatizante. O interesse dos moradores em criar Centros de Memória e de buscar a origem das próprias comunidades, traduz um processo de re-significação no qual a preservação do termo favela ganha outra dimensão para as próprias comunidades. Agradeço essa observação à Helena Bomeny.

⁷ Os bairros da Zona Sul cresceram na planície mais valorizada pela proximidade ao mar, e as favelas se formaram nas montanhas limítrofes, espaço até então desvalorizado. O mesmo fenômeno aconteceu na Zona Norte cujos bairros de camadas médias ficam na planície e as favelas nas montanhas. Mas, é na área central da cidade que esses setores representam a maior fatia da população total : 28,7%.

⁸ Idades de referência para integralização do ensino médio (17/18 anos) e da pós-graduação (mestrado, doutorado, 25/27 anos).

⁹ Não temos dados nacionais desagregados por faixa etária. A PNAD 2002 apresenta-os agregados para a população adulta de mais de 25 anos: 16,4% não têm instrução e 70% sequer completaram o ensino fundamental. Devemos considerar o peso das pessoas de mais de 60 anos e daquelas que ficaram fora do sistema educacional.

¹⁰ Assinalamos que no contexto demográfico atual, somente 3,43% dos brasileiros possuem curso superior completo, e as mulheres são maioria: 54,3%. Ressaltamos que nesta pesquisa nem todos os pais pertencentes às camadas médias têm diploma universitário.

¹¹ O pai está desempregado desde 1999 e a mãe trabalha num abrigo para crianças deficientes, eles recebem ajuda material da avó paterna. Sobre solidariedade entre gerações (avós & netos e pais aposentados & filhos desempregados) ver Peixoto 2000 e 2004.

¹² Bozon 1993, Galland 1997, Cicchelli 2001, Ramos 2006, Paes 1996, para citar apenas alguns.

¹³ Godard e Blöss (1988) usam o termo *decoabitação* para designar a saída da casa dos pais.

¹⁴ Na França, só 9% dos homens e 7% das mulheres entre 19-27 anos evocam o desejo de independência como um motivo para sair da casa dos pais (Ramos, 2006).

¹⁵ Ambas têm 24 anos e fazem pós-graduação em engenharia e graduação em psicologia, respectivamente.

¹⁶ 26 anos, curso de Administração em universidade privada abandonado por não ter condições de pagar.

¹⁷ 24 anos, estuda Letras em universidade pública, tem bolsa de estudos.

¹⁸ Mora com a mãe e a filha de 3 anos. Pais são separados e ela é mãe solteira.

¹⁹ Pai desempregado, em tratamento contra drogas, mãe servente em livraria.

²⁰ Pai copeiro em restaurante, mãe lavadeira.

²¹ 35 km da cidade do Rio de Janeiro.

²² Salário mínimo R\$ 240,00, em 2004.

²³ Sobre a pós-graduação *Lato Sensu*, ver Oliveira (1995) e Pinto (2000).

²⁴ 22 anos, mãe solteira, pais separados e residente em bairro popular.